Refletindo em poesia

Jerônimo Viana M. Alves

Falta de Inspiração

Sem inspiração invisto, multiplico o esforço em busca de algo consistente que traga alento ao meu coração.
Tenho necessidade de escrever, mas palavras não chegam as minhas mãos, expressões desaparecem ou se apresentam sem sentido, desconexas.
Por isso sofro, por isso morro, pois quero me expressar, contudo, há uma nuvem entre os sentidos e a lógica de maneira que um não se comunica com o outro e enquanto isto acontece sobram dúvidas, incertezas, falta conteúdo.
Mas, insisto. Repasso diante dos meus olhos sensações, sonhos, numa tentativa desesperada de romper o cerco do nada, da falta de improviso, do pouco trato com as letras e da pouca habilidade em contar o que se passa no meu coração.
Meu Deus me ajuda com essa falta de inspiração!

Poesia

Doce é a poesia.

A semelhança das ondas do mar às vezes chega com ímpeto, outras vezes com a calma das marés de lua cheia.

Em teus versos encontro-me desnudo, sou como criança a regalar-me nas brincadeiras da infância.

Não importa a sua intensidade, mas o propósito; a sua escrita, mas a emoção.

A poesia é uma arte divina que nasce no espírito e se desenvolve nos corações dos homens.

Para ser poeta tem que amar a vida e observar nas pequenas coisas um universo de possibilidades, ser visionário dos sentimentos, amar e amar.

Mar bravio

Parte o homem do mar em busca do peixe
Galopa em seu barco domando as marolas
Singra altas ondas e deseja ir algures
Sabe onde encontrá-los, por isso vai

Atrás de si deixou casa, mulher e filho
Olhos atentos a serração distante Corações
confiantes na provisão passageira

De repente o dia vira noite
Negras nuvens sobem além horizonte
Mar agitado, ondas sempre rebeldes
Medo e angustia na casa de sapé

Parece que o mar não deseja o retorno
Se cansou de ouvir a alegria da chegada
Quer colher lágrimas a ofertar peixe

Na praia de areia alva como a neve Espera o menino, a
mulher e o cachorro
No mar as ondas não dão trégua Raios e trovões
brincam com a esperança

Alma americana

Os dias passam como o caracol dos raios

As noites são sempre longas e dolorosas

A rinha se agrava entre o homem e o mar

Já não há esperança, entristece a mulher

Na praia só restou uma criança e nada mais

Ondas furiosas quebram por toda enseada

Espuma de violência deste grande mar

Horas e anos se passam, a tormenta ainda vive

O menino agora é homem, pescador como o pai Dança

sobre as marolas, singra as altas ondas

Na praia, nova casa, mulher e filhos

Olhos fitos no horizonte, mar calmo e tranquilo

Retorno seguro à enseada, peixes a negociar

O mar bravio de outrora agora se doa sem pesar

dos braços dos deuses da ingenuidade

sacode dos ombros a triste mortalha

canta de novo as canções de outrora

Exalta a liberdade, faz renascer a força

dança nas tabas as velhas modas de guerra

Pois o inimigo espreita a sua vida

Rir da sua dor e alegra-se na sua morte

Hoje é o dia e esta é a hora

Ao campo, todos devemos marchar

Sem receios da morte, sem medo da vida

Pois em prisões não podemos mais estar

O que temos a perder a não ser as nossas próprias cadeias

Que preço vale a nossa dignidade?

A morte é antes de tudo liberdade

O nosso corpo instrumento de vitória

Se por ventura formos tragados em meio a luta

Se for este o desejo do Deus supremo e forte

Que nossos corpos sejam monumentos à liberdade Deixaremos

a vida e entraremos para a História